

# Brasília, um caso de amor e ódio

Há 30 anos a cidade vem dividindo seus habitantes e visitantes, mas ninguém fica indiferente a ela

O ex-presidente Jânio Quadros a odiava. Tanto é assim que, eleito para cumprir um mandato de quatro anos, não ficou aqui mais que sete meses. Renunciou e foi embora falando mal. O presidente Fernando Collor, mesmo rejeitado pela maioria dos seus habitantes, que nas eleições de 1989 preferiram votar no opositor, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, tem dado reiteradas manifestações de apreço pela cidade.

Brasília é assim: diante dela, como disse certa vez um dos seus filhos adotivos mais ilustres, o cantor, compositor e poeta Renato Russo, ninguém fica indiferente. Ou a ama, ou a odeia. O próprio Renato já teve oportunidade de viver as duas faces da moeda, de experimentar esses sentimentos antagônicos. Odiou a cidade quando após um caótico show de sua banda, a Legião Urbana, no estádio Mané Garrincha, em junho de 1989, sentiu na pele a revolta das pessoas, notadamente as mais jovens, que queriam vê-lo o mais longe possível. O tempo passou, o clima emocional, que envolveu aquele concerto, também, e Renato, hoje, revendo seus conceitos, admite que sente uma forte ligação com a Capital Federal. E dá provas disso vindo aqui com frequência, ainda que continue sem querer cantar em nossos palcos.

Esses sentimentos não afloram de forma aleatória. Há explicações para isso, inclusive sociológicas. "Brasília recebe gente do Brasil inteiro e forma uma melange sem igual no País. Deveremos ter um processo cultural totalmente peculiar com as novas gerações, herdeiras de uma tradição familiar que afeta desde o modo de falar até a forma de alimentação. Essas pessoas que sentem na cidade um grau de interferência muito menor na vida privada do que em outras metrópolis, que têm autonomia, liberdade, que sentem a ausência de censura familiar, fatalmente vão crescer amando a cidade", acredita o professor do Departamento de Sociologia da UnB, Sadi dal Rosso. Por outro lado, no seu entendimento, "nutrem por Brasília um sentimento oposto, pessoas que vêm para cá não por escolha, mas por imposição. Gente que vem ocupar determinado cargo, determinada função, por tempo limitado. Essas pessoas não procuram, nem querem se adaptar à cidade. Isso acontece, frequentemente, com políticos e altos funcionários da administração pública".

"De paixão" — Nesse contexto pode ser incluído, por exemplo, o ex-presidente João Figueiredo, que nunca escondeu sua má vontade em relação à Capital. Mas, há outros exemplos históricos de personalidades que procuraram deixar claro sua aversão a Brasília. Reza a lenda, que, nos primórdios da cidade, o escritor Fernando Sabino esteve por aqui, a convite de um amigo. Durante dois dias, trancou-se num apartamento da 308 Sul jogando carta e bebendo uísque. Voltou ao Rio de Janeiro dizendo que Brasília era uma cidade fria, sem esquinas, sem calor humano. Se esse fato é verdadeiro, o autor de *O Encontro Marcado* pôde, mais tarde, reavaliar seu ponto de vista, ao ser recepcionado calorosamente, quando voltou para lançar um dos seus livros de crônicas.

Um misto de empresária e escritora, mineira como Fernando Sabino, Vera Brant, ama

Brasília "de paixão". Amiga de Juscelino Kubitschek, veio para assistir à inauguração da cidade e nunca mais voltou. Ela nega que Oscar Niemeyer, outro dos seus "amigos fraternos", não goste de sua mais conhecida e elogiada obra. "O Oscar gosta de Brasília sim. Ele só não mora aqui porque não tem mar. Como é que o Oscar faria suas viagens para a Europa, se ele só viaja de navio?", indaga com um certo ar de menina travessa.

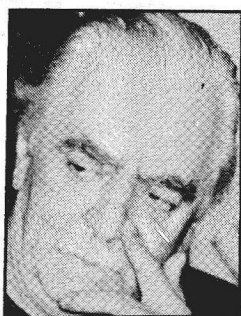
Niemeyer não desautoriza Vera. Muito pelo contrário. Em entrevista recente a Zuenir Ventura, publicada na *Playboy*, o arquiteto diz, respondendo à pergunta se Brasília ainda o emociona: "Ah, quando chego em Brasília — eu vou de automóvel — vejo como a cidade está vivendo, está feliz, cheia de jardins. Onde diziam que não nascia nada tem jardins formidáveis, uma cidade verdejante, uma cidade que tem nobreza".

Tudo isso que Niemeyer destaca em Brasília, Vera Brant viu sendo formado. "Vim para cá porque achei que seria fantástico ver uma cidade nascer. É uma coisa que, acredito, não verei jamais em lugar algum, a infância de uma cidade. Mesmo com alguns desvios, Brasília é uma coisa linda, deslumbrante. Como falei no meu livro de memórias, *Ensolando Sombras*, lançado em 1986, Brasília é uma seta apontada para o futuro". Essas coisas, Vera faz questão de contar para as pessoas de sua relação, de sua admiração. Em meados da década passada, recebeu o compositor Tom Jobim para um almoço em sua aconchegante casa no Lago Sul. Depois de duas horas de conversa, Tom decidiu comprar um terreno no MUDB — Setor de Mansões Urbanas Dom Bosco, na QI 17, onde, brevemente, dará início à construção de uma casa. "O Tom, embora tenha feito a *Sinfonia de Brasília* junto com o Vinícius de Moraes, apesar de nos visitar desde a década de 60, não conhecia a cidade direito. Quando pôde ficar aqui durante um período maior, cerca de 15 dias, compreendeu melhor por que adoramos Brasília. Agora, com essa violência, com essa insegurança, com essa onda de sequestros que varre o Rio de Janeiro, é bem possível que, ao retornar ao Brasil, o Tom venha ser vizinho nosso no Lago Sul", sonha a escritora.

**Musa** — Se levasse um papo com outro



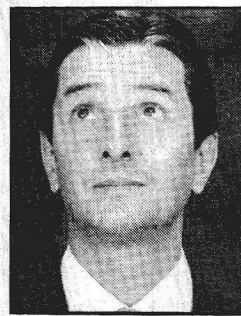
Nelson Piquet



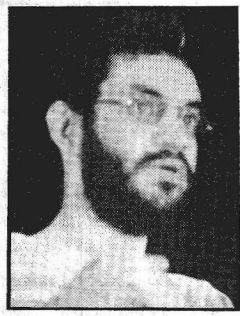
Jânio Quadros



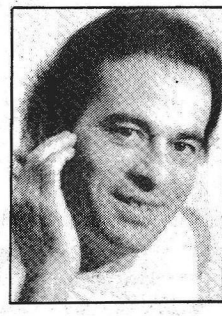
Zélia Cardoso de Mello



Fernando Collor



Renato Russo



Nei Matogrosso

brasiliense apaixonado, o cantor e compositor Oswaldo Montenegro, Tom Jobim, certamente, acabaria trocando o mar e a montanha, que ele observa da janela de sua residência, na Zona Sul do Rio de Janeiro, pela imensidão do cerrado. Montenegro tem com Brasília uma relação idêntica à de filho e mãe, se bem que meio incestuosa. A cidade que o acolheu no começo de sua adolescência continua a ser a eterna musa inspiradora. Houve tempo em que nove entre dez canções de Montenegro falavam de Brasília.

Mas não é só Montenegro, entre os artistas

oriundos desta cidade, que se relacionam com ela de forma afetiva tão forte. Cássia Eller, revelação da música brasileira, colocou entre as cláusulas do contrato que assinou com a gravadora PolyGram, fazer o show de lançamento nacional do seu primeiro elepe aqui em Brasília. E fez. Em dezembro último na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Mesmo quem tem origem em outras regiões, como é o caso do cantor e compositor pernambucano Alceu Valença, anda fazendo declarações de amor à cidade. O seu atual sucesso, incluído no álbum *Andar, An-*

mesmo ocorre com Roberto Pupo Moreno, coincidentemente, agora companheiro de Piquet na Benneton.

Até o carioquíssimo Arthur Antunes Coimbra, o Zico, secretário de Esportes do Governo Federal, anda namorando Brasília. Segundo seu anfitrião, o publicitário Marcus Vinicius Bucar Nunes, Zico tem elogiado muito a qualidade de vida do brasiliense, a ausência de violência na cidade e a possibilidade que as pessoas, mesmo as que ocupam cargos importantes, têm de conviver mais tempo com a família. "O Zico só não vem

estivesse na USP — Universidade de São Paulo. Em outras palavras, ela quis dizer que está aqui a trabalhar. Opinião bem diferente da que tem o cantor Ney Matogrosso. No *Fantástico*, da Rede Globo, ao ser solicitado pelo repórter Ernesto Paglia, para dizer qual a cidade de sua preferência, Ney citou Brasília. Falando por telefone ao **CORREIO BRAZILIENSE**, o cantor contou que toda vez que vem a Brasília para fazer show sente um impulso de voltar a morar aqui. Fico sempre de olho grande, querendo achar um cantinho para mim em Brasília. Talvez não fosse exatamente no Plano Piloto. No Planalto Central existe uma coisa muito forte no ar.

O bruxo Raul de Xangô tem uma explicação para esses sinais que Ney Matogrosso consegue captar. "O Ney é um sensitivo, coisa que Zélia nunca conseguiria ser. Se ela tivesse a sensibilidade do Ney já teria entregue sua pasta ao presidente Collor. A ministra, como a funcionária nº 1 do Governo, trabalha como um robô, ela fica nesse cargo no máximo até abril", profetiza o vidente. Para Raul de Xangô, a ministra da Economia tem razão em afirmar que está aqui a trabalhar. "Sua estada em Brasília é transitória. Ela não vive Brasília, não descobriu sua essência, não conseguiu captar sua energia. Já o Collor é um predestinado. É um médium, um instrumento. Ele vai surpreender todo mundo e surpreender com a missão que tem para cumprir. Vejo-o, não como presidente, mas como um ser cósmico, um missionário. E é uma pessoa que ama Brasília profundamente. A Casa da Dinda estava destinada para ele. O Collor viveu a melhor fase de sua vida em Brasília e eu previ, numa entrevista à EBN, publicada, também, no *Jornal do Brasil*, em 1987, que ele voltaria à cidade como Presidente da República".

■ Irlam Rocha Lima

